

Apresentação

CEM ANOS, E NEM PARECE

Eu queria me interrogar sobre uma aporia. A pesquisa sobre a literatura filosófica clandestina é florescente, ou melhor é um dos setores que mais contribuiu para a renovação das categorias historiográficas nos últimos decênios. Este número da *PROBLEMATA* é testemunha eloquente disso: aqui participam estudiosos dos quatro cantos da terra, diferentes pela formação e biografia intelectual, mas unidos pelo interesse por este âmbito de estudos. Entretanto essas inovações têm muita dificuldade em encontrar espaço naquilo que os estudiosos anglo-americanos de literatura costumam chamar de *cânon*. Os especialistas do *Settecento* estão de acordo em reconhecer a centralidade dos primeiros decênios do século na passagem da Idade pós-cartesiana ao *Iluminismo* e em assumir a *literatura clandestina* como grande laboratório que elabora não só ideias, mas também formas inovadoras de comunicação. O estudo dos *manuscritos clandestinos* tem ademais assumido um estatuto em parte diferente daquele inicialmente imaginado por Lanson. Não se trata tanto de examinar as origens do *esprit philosophique*, ou seja de finalizar os resultados destas pesquisas para uma melhor compreensão do *Iluminismo* (obra de qualquer maneira merecedora, porque capaz de mudar o nosso olhar sobre as Luzes), mas de analisar estes decênios de maneira autônoma, enquanto merecedores de atenção por si mesmos. A *literatura clandestina*, em suma, tornou-se um objeto de pesquisa autônomo, sem necessidade dos seus evidentes liames com aquilo que a precede e com aquilo que a segue.

Entretanto, tudo isso não é registrado nos programas escolares de cada ordem e grau e nos manuais a eles destinados. O que conflita com a própria figura de Gustave Lanson: grande

estudioso, mas também grande professor, virtuoso daquela prática escolar e universitária, ainda hoje característica precípua da educação francesa, que é a explicação do texto, Lanson provavelmente teria buscado criar uma osmose mais eficaz entre pesquisa e ensino. O que trava este processo de transferência dos saberes? Seguramente uma certa resistência preguiçosa das estruturas existentes: é muito mais fácil, em um certo sentido, escrever um livro que muda as orientações da pesquisa sobre um certo assunto do que modificar um programa escolástico. Para dizer melhor, as duas coisas necessitam de capacidades e poderes diversos: não é dito que quem escreve coisas geniais possa depois influir sobre os grupos da política escolar e universitária do próprio país, e quem pode fazê-lo não por isso tem condições tampouco de elaborar, mas às vezes nem mesmo de reconhecer, as inovações historiográficas importantes.

Mas a pesquisa sobre a *literatura clandestina* é ativa e vivaz há muito tempo, e esta explicação não basta. Ou por melhor dizer, talvez seja seguida por uma outra. O descolamento entre a organização das políticas escolástica e universitária e os atores da pesquisa científica poderia de fato transformar em fraqueza aquilo que é um ponto de força dos grupos de trabalho sobre a *literatura clandestina*. Tentarei elencar dois deles. Em primeiro lugar, desde as origens tal objeto de estudo foi marcadamente internacional: depois de Lanson, vieram Ira O. Wade e John S. Spink; enquanto Olivier Bloch organizava o seu centro de pesquisa em Paris I, Tullio Gregory publicava uma coletânea de estudos dedicada a estes temas e Gianni Paganini, junto a Guido Canziani, levavam a termo a sua monumental edição do *Theophrastus redivivus*; sobretudo, Miguel Benítez publicava em 1988 o seu primeiro *inventário*, incansavelmente atualizado nos decênios sucessivos. Antes a constituição do centro de Paris I; então o nascimento da equipe de Paris IV dedicada ao inventário dos *manuscritos clandestinos* e dirigida por Geneviève Artigas-Menant; enfim a criação de uma coleção de edições e estudos dirigida por Antony McKenna – primeiro junto à editora *Universitas*, agora junto à *Honoré Champion* –

Problemata: R. Intern. Fil. Vol. 04. No. 01. (2013), p. 13-16

ISSN 2236-8612

permitiram um salto de qualidade: a *literatura clandestina* foi feita objeto de indagações não mais esporadicamente determinadas pelo interesse de uns poucos, mas proveniente de um grupo de estudiosos constantemente empenhado nesse campo. Essa obra de consolidação foi ulteriormente reforçada pelo nascimento e pelo desenvolvimento da *Lettre Clandestine*, autêntica voz da pesquisa nesse setor, desde sempre atenta às contribuições de toda a comunidade internacional. Mas por que internacional deveria conflitar com ensino? Provavelmente porque os programas educativos são por sua natureza decididos em nível nacional e então refletem a peculiaridade que Habermas definiria como ética, ou seja, como própria de uma certa e específica agregação social. Fazem então talvez mais difícil a recepção de inovações e sugestões provenientes da pesquisa que em tais tradições se ancoram só parcialmente.

Convém em segundo lugar analisar em maior detalhe a composição desses grupos de pesquisa. Além de serem internacionais, são caracterizados pela presença de estudiosos pertencentes a disciplinas muito diferentes: filósofos, filólogos, literatos, historiadores, especialistas de bibliografia material. Essa evidente interdisciplinaridade é exigência do próprio objeto de pesquisa, que impõe o seu exame por múltiplos pontos de vista para ser adequadamente estudado. É esse de resto um dos aspectos mais fascinantes e mais fecundos da pesquisa sobre a *literatura clandestina*, fonte de inúmeras discussões metodológicas, mesmo porque a definição mesmo do objeto de estudo flutua e muda segundo a formação de quem o analisa. Uma interdisciplinaridade em parte determinada por sua vez pelas tradições culturais dos países dos diversos estudiosos: a Itália, cuja longa tradição de indagações histórico-filosóficas engloba também autores não sistemáticos, contribui sobretudo com filósofos; a França, onde por sua vez o *Iluminismo* é muito frequentemente campo de pesquisa dos literatos e que tem uma excelente tradição de estudos sobre a bibliografia material, interessa-se pelos tratados filosóficos *clandestinos* sobretudo sob este ponto de vista. Mas exatamente este aspecto torna

particularmente difícil a tradução dos resultados dessa pesquisa em programas educativos: a escola, e larga medida também a universidade, vive de distinções em percursos formativos diferentes e por vezes impermeáveis, porque vividos em primeiro lugar pelo docente como fonte de identidade.

Se então ao celebrar o centenário do artigo de Lanson, seminal no sentido próprio da palavra, é fácil constatar que a pesquisa nesse campo é mais vivaz e ativa do que nunca, mostrando então todos os sinais de uma vitalidade jovial, é preciso talvez reconhecer que a canonização desses estudos é um problema ainda todo por confrontar, a fim que o patrimônio metodológico e intelectual que estes produziram se difunda mais largamente na sociedade. Cem anos, não parece, e não pretende descansar sobre os louros!!

Antonella Del Prete